

APRESENTAÇÃO

Como se aprende uma língua estrangeira? Acredito que isso acontece quando a língua faz sentido para o aprendiz e lhe oferece oportunidades de uso da língua, seja lendo, ouvindo, falando, escrevendo, ou interagindo pelo computador. (PAIVA, 2005, p.140¹).

Em 2005, Paiva desenvolveu algumas reflexões a partir da pergunta “Como se aprende uma língua estrangeira?”, título de seu artigo. Nele, a autora tece reflexões sobre as diferentes abordagens de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, desde a Gramática e Tradução, passando pelo Método Direto, o Áudio-oral, Abordagem Comunicativa, Pós-método e conclui, entre outras questões, que se aprende uma língua quando “a língua faz sentido para o aprendiz”, quando o “aprendiz tem oportunidades de uso” e, “na interação...”. Tais ponderações nos pareceram bastante oportunas para a epígrafe da Apresentação do número inaugural da *EntreLínguas*, tendo em vista os objetivos da presente Revista.

Dez anos se passaram... estudou-se e pesquisou-se muito sobre o sempre instigante tema do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. O assunto não se esgota e não deve esgotar-se. Para dar vazão às inúmeras pesquisas fazem-se necessários veículos. Embora existam diversos e conceituados periódicos científicos no Brasil que atendem a essa demanda, o surgimento de novos periódicos é sempre bem-vindo. É nesse cenário que nasce a Revista *EntreLínguas*. Uma Revista que surge com o objetivo de reunir pesquisadores em torno de reflexões sobre ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras modernas.

Em seu número inaugural – Número 1 – janeiro a junho de 2015 – a *EntreLínguas* apresenta textos de renomados pesquisadores, linguistas e professores de línguas estrangeiras que nos presenteariam com um conjunto de reflexões acerca da formação de professores de línguas estrangeiras, das estimulantes discussões sobre abordagens, métodos, tecnologias e das atuais e necessárias discussões sobre interculturalidade.

Assim, o primeiro texto, intitulado “*A model of teacher knowledge for nonnative english-speaking teacher*”, de autoria de Luciana C. de Oliveira, discorre sobre o “interesse crescente na preparação de professores não-nativos de inglês” e propõe uma “conceitualiza(ção) (de) um modelo de conhecimentos para professores – NNI”.

¹ PAIVA, V.L.M.O. Como se aprende uma língua estrangeira? In: ANASTÁCIO, E.B.A. et al. (Org.). **Tendências contemporâneas em Letras**. Campo Grande: Ed. da UNIDERP, 2005. p.127-140. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/como.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

Na sequência, também com um olhar para a prática docente, Maria Helena Vieira Abrahão tece, em seu texto “Algumas reflexões sobre a Abordagem Comunicativa, o Pós-Método e a Prática Docente”, reflexões sobre a abordagem e o método e os articula com a prática docente. Inicialmente, a autora apresenta um panorama sobre a abordagem comunicativa e o pós-método e, em seguida, apresenta “uma avaliação das mesmas abordagens realizada por alunos de pós-graduação em linguística aplicada”. Essas reflexões provocam, assim, “alguns encaminhamentos para a formação docente.”.

É também sobre formação docente que trata o terceiro texto da *EntreLínguas*. Intitulado “*El emergir en la lengua y la resignificación de experiencias: consideraciones sobre el PIBID en la formación reflexiva del profesor de español en Brasil*”, o artigo de Ivani Cristina Silva Fernandes desvela “alguns aspectos da formação reflexiva do professor de espanhol no Brasil” a partir de experiências do “PIBID Letras Espanhol” na Universidade Federal de Santa Maria, fundamentados na Linguística da Enunciação e na Filosofia da Educação.

O quarto texto aborda um tema mais específico – o ensino da gramática – sem desvinculá-lo, no entanto, da formação docente. Fernanda Landucci Ortale e Roberta Ferroni discutem, em seu artigo intitulado “O Ensino de Gramática: Porto-seguro?”, “a questão do papel da gramática no ensino de línguas”. As autoras apresentam “dados de um estudo realizado em um curso de Letras em uma Universidade pública paulista cujo objetivo foi identificar as representações sobre a instrução gramatical no ensino de língua estrangeira (italiano) construídas por alunos-professores, em início de docência.”.

A partir de outros pontos de vista, os quatro textos seguintes também se centram na problemática do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, foco da *EntreLínguas*.

Em “Autonomia e parâmetros externos: incompatíveis? Recolocando a questão no âmbito do Laboratório de Avaliação do *Moodle*, na companhia de Wittgenstein”, Paulo Oliveira apresenta uma discussão sobre “alguns conceitos e papéis centrais no ensino de línguas”. O autor reflete sobre alguns conceitos que muitas vezes são tratados de forma dicotômica, tais como: autonomia vs. parâmetros externos; foco no aluno vs. foco no professor; ensino presencial vs. plataformas eletrônicas. Ademais, o autor discute como isso pode “interferir no processo de aprendizagem.”.

De Interculturalidade tratam os textos seis e sete desse Número. No sexto texto, Joice Armani Galli, em seu artigo “A noção de intercultural e o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil: representações e realidades do FLE”, discute, entre outras questões, o “caráter interdisciplinar” do ensino das línguas estrangeiras. A autora discorre sobre o LENUFLE (LEtramento NUMérique do Francês Língua Estrangeira) e, mais especificamente, sobre um projeto de pesquisa de cunho cartográfico em Recife e Olinda, apontando para informações sobre a representação e realidade do francês nesta região do Brasil.

No sétimo texto, intitulado “Aproximação à Teta Asustada como uma narrativa cinematográfica intercultural hispânica”, Ítalo Oscar Riccardi León desenvolve um estudo a partir do filme *A Teta Assustada*. Nesse estudo, o autor discute “a ligação

do cinema com a sociedade e a cultura” que fez com que “surgissem significativas e estreitas relações desde uma perspectiva de um cinema intercultural”. O autor discute, também, sobre a necessária inclusão de aspectos interculturais no ensino de línguas.

O texto que encerra este Número da *EntreLínguas* traz uma reflexão sobre o “ato tradutório”. Em “Leitura, Interpretação e transcrição: concepções do ato tradutório entre estudiosos da filosofia alemã”, Maria Claudia Bontempi Pizzi e Cibele Cecilio de Faria Rozenfeld refletem sobre o “interesse na aprendizagem de alemão” desencadeado, muitas vezes, pelo “desejo e pela necessidade de leitura de textos alemães”. As autoras observaram esse fato entre “alunos oriundos do campo da filosofia” em um curso a distância e, embora o objetivo seja “contribuir para o campo dos estudos tradutórios”, percebeu-se um “caminho interessante para ensino e aprendizagem de alemão como língua estrangeira”.

Assim, tomando emprestada a pergunta de Paiva (2005) – Como se aprende uma língua estrangeira? – ousamos acrescentar às relevantes conclusões da autora que se “aprende pesquisando” e, evidentemente, divulgando nossas pesquisas para que outros possam se motivar a pesquisar e a aprender. Para isso nasce a *EntreLínguas*: para contribuir na divulgação de pesquisas que motivem novas pesquisas e, sobretudo, um contínuo aprendizado... Apresentamos, assim, o primeiro Número da Revista *EntreLínguas*.

Editoria Executiva

